

Joao Batista (1963) reside em Aveiro, onde viveu quase toda a sua vida e onde exerce a sua atividade profissional como Professor do ISCA - Universidade de Aveiro. Desenvolve um percurso artístico, baseado no médium fotográfico, como forma de expressão pessoal das suas próprias interrogações. Procura discutir a relatividade do conhecimento associado às diferentes perspetivas com que cada objeto, cada evento, cada conceito, pode ser observado, percecionado e comunicado. Esta ideia está subjacente em séries como *Lost*, *The Other Side* ou *Who Are You?*, e também em composições de imagens observáveis na série *La Grande Ligne* ou em obras como *The Gate* e *The Corner*.

Tem divulgado as suas obras através de festivais e concursos, de algumas publicações em obras coletivas e em diversas exposições, destacando-se algumas exposições individuais:

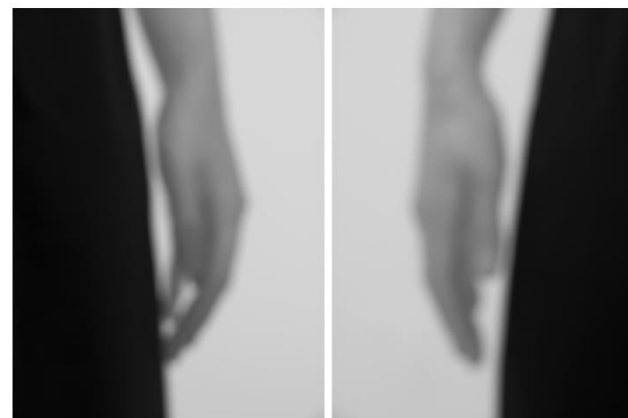
- 2014: exposição “The Corner”, Museu Municipal Abade Pedrosa, Santo Tirso. O catálogo da exposição inclui o ensaio “Minimalismo abstracto ou realismo de Richter: complexidade do olhar”, por Sílvia Pinto Costa
- 2013: exposição “Lost”, Biblioteca Domingos Cravo, ISCA – Universidade de Aveiro
- 2009: exposição “Interação com a Arte”, Museu Municipal de Oliveira de Frades

<https://www.facebook.com/museuaveiro>

Horário: 3ª a domingo. 1 Abril a 14 Outubro das 10:00 às 19:00.

15 Outubro a 31 Março das 10:00 às 18:00.

(entrada livre nesta exposição)



La Grande Ligne

Joao Batista

20 SETEMBRO - 30 NOVEMBRO

Museu de Aveiro

SINOPSE

Nadia Boulenger (1887-1979) influenciou decisivamente a história da música, praticando um método em que Aaron Copland (1900-1990) reconhece, como princípio agregador, a criação da *la grande ligne*. Nas palavras de Copland, esta ideia inclui ... *the sense of forward motion, of flow and continuity in the musical discourse; the feeling for inevitability, for the creating of an entire piece that could be thought of as a functioning entity* (Copland On Music, 1960, p. 90).

Por vezes esta continuidade acontece em obras que são reconhecidas como sendo de exceção. Noutros casos, provavelmente a maioria, essa continuidade não é tão evidente, ou não existe de todo.

A inevitabilidade do fluxo, mais ou menos bem conseguido, é em qualquer caso um imperativo. Quando o fluxo é interrompido antes da sua conclusão, a obra fica incompleta. A uma nota segue-se inevitavelmente outra, algumas notas conjugam-se, por vezes de forma tranquila, noutras mais tempestuosa, mas geralmente culminando numa conclusão, em que as notas se arrumam, repousam, e ficam prontas para serem finalmente escutadas.

Estes percursos musicais não parecem distintos dos que podemos observar nos fluxos das atividades e das interações entre as pessoas, que percorrem longas linhas mais ou menos sinuosas, mais ou menos tortuosas, com mais ou menos incidentes, com mais sucessos ou insucessos, mantendo o fluxo. Essa longa linha aproxima-nos e afasta-nos, interroga-nos e responde-nos, desafia-nos e conforta-nos, mantendo o fluxo. Ao longo dessa linha construímos e destruímos, amamos e odiamos, mostramo-nos e escondemo-nos, mantendo o fluxo.

Em algum momento esse fluxo atinge uma conclusão. É o momento em que as notas se arrumam, em que o equilíbrio é alcançado. As sinuosidades adotam formas mais lineares, as respostas aproximam-se das interrogações, os amores e os ódios confundem-se. As notas sossegam, a sinfonia está concluída. Podemos agora escutá-la, primeiro baixinho, depois mais alto, a sua essência está agora disponível e liberta a sua expressão.

Nesta exposição podem observar-se obras em que se procura exprimir a ideia de *la grande ligne*, como ideia agregadora da inevitabilidade da procura dos conceitos, da essência das coisas, de formas de entender e de exprimir o outro lado. Cada "outro lado" representa mais uma perspectiva através da qual o conhecimento pode ser observado, entendido ou construído. Ao percorrer cada linha, ao observar cada obra, várias perspectivas se apresentam, umas mais próximas e outras mais distantes.

Para abrir esta exposição aos olhos do espectador, que assim mais facilmente poderá encetar a sua "viagem", Marisa Coutinho executa a primeira *suite* para violoncelo, BWV 1007, de J. S. Bach, numa transcrição para viola de arco. As notas vão soltar-se mostrando a essência dessa "sinfonia", estabelecendo assim a sua ligação com as obras agora expostas.

Joao Batista, 2014